

**Idéias em movimento:** Mobilização e luta dos trabalhadores da *Lumber Company* nas páginas de “A Plebe”, 1917-1919.

Alexandre Assis Tomporoski <sup>1</sup>

Resumo: Este texto pretende analisar o processo de circulação de idéias e militantes anarquistas pela região sul do Brasil, especialmente no planalto de Santa Catarina e sul do Paraná e sua participação na organização e mobilização dos trabalhadores da *Lumber Company*. Para tanto, o jornal anarquista “A Plebe” foi tomado como fonte principal ao noticiar alguns dos acontecimentos relacionados à greve de 1919 na *Lumber*.

Palavras-Chave: Anarquistas – Circulação – *Lumber Company*

1. Os anos de 1917 a 1920 costumam ser identificados como o período de maior ascensão do movimento operário brasileiro, especialmente no eixo Rio de Janeiro – São Paulo. No entanto, as greves e enfrentamentos deflagrados nesses anos ocorreram concomitantemente em diferentes regiões do país e, muitas vezes, com uma relação significativa entre movimentos geograficamente afastados.

A distância não impediu uma expressiva circulação de idéias (e mesmo de militantes) das diferentes correntes ideológicas que compunham o movimento operário do período. Um exemplo desse contato é a presença de militantes anarquistas no planalto norte de Santa Catarina e Sul do Paraná, onde, além de estabelecerem importante interlocução com militantes de São Paulo e de outras regiões do país, promoveram a difusão da propaganda libertária pela região e participaram ativamente da greve deflagrada na *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, no ano de 1919.

O intento é desnudar a atuação de algumas daquelas pessoas e analisar marcos de sua experiência e vida associativa. Um desses marcos foi o surgimento de instituições correspondentes – uma liga operária e um periódico libertário – que contribuíram para o seu processo específico de constituição enquanto classe. Depreende-se que aquelas pessoas lutaram pelo direito de serem gestores de suas próprias vidas, mesmo com a oposição ferrenha do patronato e do Estado.

2. Uma característica elementar do anarquismo era a circulação de idéias e pessoas. No que tange à literatura, havia um trânsito intenso entre os países; as obras de maior relevância foram traduzidas para muitos idiomas, disseminando tais idéias pelo

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, com pesquisa fomentada pela CAPES.

mundo. No Brasil, o ideário anarquista chegou através dos livros, folhetos e jornais, nos navios provenientes da Europa, especialmente em Santos e no Rio de Janeiro. Os portos catarinenses de São Francisco do Sul e Itajaí, ou ainda o paranaense, Paranaguá, certamente foram importantes nesse processo de circulação que atingia, inclusive, as cidades menores.<sup>2</sup> Entretanto, é fundamental atentar para o fato de que o anarquismo no Brasil não foi o resultado do derrame de um ideário político exótico, um transplante. Apesar do Estado e do patronato adotar esse discurso, os trabalhadores brasileiros adaptaram a linguagem, algumas idéias e práticas anarquistas, apropriando-se daquilo que lhes serviria enquanto resposta a problemas e preocupações concretas do contexto em que viviam. Normalmente a prática sobrepujava a teoria, resultando na construção de caminhos específicos para as condições que os militantes encontravam no Brasil do início do século XX.

Com a circulação de idéias como mote central de sua atuação, os anarquistas encontraram nos grupos de propaganda a forma mais eficaz para atingir esse objetivo. A partir destes grupos, os militantes se organizavam e espalhavam suas idéias. Ali discutiam os problemas e disseminavam notícias de mobilizações, greves e da repressão policial em diferentes partes do Brasil e do mundo. Foram muitos os grupos de propaganda fundados por anarquistas no Brasil das primeiras décadas do século XX, porém, o mais importante, era a cooperação voluntária entre os pequenos grupos constituídos nas diferentes e mais distantes regiões.<sup>3</sup>

3. Em relação ao planalto de Santa Catarina, as duas primeiras décadas do século XX foram marcadas por uma crescente tensão e instabilidade social. Esse quadro foi agravado por diferentes e complexos elementos, culminando na deflagração do movimento sertanejo do Contestado, entre os anos de 1912 a 1916. Uma das principais causas para o início do movimento foi o processo de inserção do capital estrangeiro na região, concretizado pela chegada das empresas do Sindicato *Farquhar*.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> TOLEDO, Edilene. A trajetória nos anarquistas no Brasil na Primeira República. IN: FERREIRA, Jorge & REIS, Daniel Aarão (orgs.). **As esquerdas no Brasil**. A formação das tradições. Vol 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007, pg. 57.

<sup>3</sup> *Idem*, pg. 70.

<sup>4</sup> O Sindicato *Farquhar* era controlado pelo magnata norte-americano *Percival Farquhar*, também proprietário da *Brazil Railway Company*. Em 1906 ele adquiriu a Companhia Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande, a qual possuía a concessão para construir a ferrovia que cortaria a região do planalto nortecatarinense. *Farquhar* possuía um total de seis milhões de acres no Paraná e em Santa Catarina e pretendia desenvolver a agricultura comercial e a exportação da madeira pelo porto de Paranaguá. SINGER, Paul. O Brasil no contexto do capitalismo internacional (1889-1930). In: **História Geral da Civilização Brasileira** – 1 Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 381.

A *Brazil Railway Company* foi a responsável pela construção da ferrovia que cortou o planalto catarinense, ligando Sorocaba (SP) a Santa Maria (RS). Em 1910, foram entregues ao tráfego os trezentos e oitenta quilômetros referentes ao trecho catarinense, entre União da Vitória (PR) e o rio Uruguai. Em 1917, foi concluído o ramal leste, que ligou União da Vitória à cidade portuária de São Francisco do Sul (SC), abrindo um canal de escoamento para a erva mate e a madeira beneficiada na região.

Através do contrato para construção da estrada de ferro, a *Brazil Railway Company* recebeu a concessão para explorar as terras marginais à linha tronco da ferrovia, numa extensão de até quinze quilômetros para cada lado do leito. Foi com o intuito de explorar essas terras, serrando a madeira e em seguida vendendo lotes a imigrantes europeus que, em 1910, foi instalada em Três Barras a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*.

Com o início de suas atividades, em novembro de 1911, a *Lumber* passou a desenvolver um processo inovador de exploração da madeira, tendo como instrumento um complexo industrial de proporções ímpares. Objetivando aperfeiçoar o processo de extração da madeira, foram construídos ramais com extensão de até trinta quilômetros, os quais partiam da serraria e alcançavam os pinhais mais densos. Concluídos os trilhos, as composições avançavam sobre as matas municidas com poderosos guinchos movidos a vapor. As toras que jaziam no chão, já abatidas pelos trabalhadores, eram então arrastadas por cabos de aço, recolhidas aos vagões e conduzidas até o pátio da serraria, onde eram transformadas em tábuas, classificadas e armazenadas mecanicamente. Dali partiam por trem aos portos de São Francisco do Sul e Paranaguá e, subseqüentemente, para o exterior.<sup>5</sup>

A mão de obra empregada na *Lumber* (com exceção dos altos funcionários de origem norte-americana) era recrutada na região, entre a população local. No início do século XX, a região era habitada por caboclos – que já há muito viviam no planalto – e por imigrantes europeus, principalmente poloneses, ucranianos e alemães. Estes grupos forneceram a grande maioria dos trabalhadores empregados na *Lumber*. No ano de 1915, o número de operários empregados apenas no beneficiamento da madeira atingiu

---

<sup>5</sup> Além da exploração da madeira em escala industrial, a *Lumber* também desenvolveu atividades ligadas ao beneficiamento e à exportação de erva mate. Balancetes do ano de 1917 demonstram gastos com compra de erva mate de terceiros e com a construção de barracões para armazenamento do produto. In: **Relatórios mensais da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* – Abril de 1917**. APESC (Arquivo Público do Estado de Santa Catarina).

seiscentos e quinze, além de um grande número de caboclos responsáveis pelo corte e transporte das toras na mata.<sup>6</sup>

4. Nas primeiras décadas do século XX, Canoinhas foi um importante centro exportador de erva mate, especialmente através de seu porto, no qual havia movimentação de mercadorias e pessoas, com grande quantidade de madeira e erva mate sendo escoada.<sup>7</sup> Em função dessas necessidades de transporte, havia um tráfego intenso pelos rios da região e mesmo embarcações de grande porte atracavam nos portos de Canoinhas e Três Barras.<sup>8</sup>

Os trabalhadores responsáveis pelo embarque das cargas, manutenção e funcionamento das embarcações, faziam parte de uma ampla e complexa teia de contatos que se expandia por longas distâncias, entrelaçando-se e atingindo diferentes regiões e pessoas. Pela própria característica da atividade que desenvolviam, estabeleciam contato com homens e mulheres dos mais diversos lugares e origens, irrigando uma rede intrínca e fomentando um dinâmico processo de trocas e apropriações.

Com a conclusão do ramal ferroviário entre União da Vitória e São Francisco do Sul, foi aberta uma nova possibilidade de contato de Três Barras, agora com uma importante cidade portuária catarinense.<sup>9</sup> O trem trazia e levava pessoas, jornais e mercadorias oriundos de Florianópolis, da região litorânea de modo geral e das próprias cidades marginais à linha férrea. O trem chegava à localidade três vezes por semana, (segundas, quartas e sextas-feiras). Apesar dos registros nos jornais locais referenciarem, especialmente, a chegada e partida de figuras públicas na região, é plausível supor que indivíduos de diferentes classes sociais utilizavam o transporte ferroviário.<sup>10</sup> Mesmo

---

<sup>6</sup> DIACON, Todd A **Milenarian vision, capitalist reality. Brazil's Contestado rebellion, 1912-1916**, op. cit., p. 55. No entanto, se forem consideradas as demais atividades da *Lumber*, como o porto, as embarcações, o armazém, o cinema, a fábrica de gelo e o corpo de segurança, o número de trabalhadores ligados diretamente à empresa será consideravelmente superior.

<sup>7</sup> Apenas no primeiro trimestre de 1915, cerca de 600 toneladas do “ouro verde” foram embarcadas para o porto do município paranaense de Rio Negro. Em seguida, a erva mate era transportada até Joinville e dali para os países do Prata. **O Imparcial**. Ano I, n. 1. Canoinhas, 1 de Novembro de 1915. BPESC, Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

<sup>8</sup> No porto de Três Barras a própria *Lumber Company* mantinha muitas embarcações, entre elas a que levava o nome da vila e que comportava uma carga de até 50 toneladas. Embarcações oriundas de outras regiões regularmente atracavam naqueles portos: “*Esteve neste porto, no dias 4 a 8 do corrente, o vapor ‘Curitiba’*” do Lloyd Paranaense. **O Timoneiro do Norte**. Ano I, n. 5. Canoinhas, 11 de Fevereiro de 1917. BPESC.

<sup>9</sup> Três Barras também mantinha ligação ferroviária com a cidade portuária de Paranaguá, uma das vias utilizadas pela *Lumber Company* para a exportação da madeira beneficiada pela empresa.

<sup>10</sup> Os presos da cadeia pública de Canoinhas, por exemplo, eram costumeiramente transferidos para a cadeia de São Francisco do Sul. Importante notar que mesmo após o término da construção ramal ferroviário.

correspondências e jornais de regiões mais afastadas, como do estado do Rio Grande do Sul, não tardavam “mais do que dois ou três dias de viagem para recebermos aqui”.<sup>11</sup>

Os jornais já circulavam pela região de Canoinhas e Três Barras nos primórdios do século XX. Em 1908, Canoinhas, ainda distrito de Curitiba, recebia o jornal “O Trabalho”, com espaço importante destinado aos acontecimentos distritais. A partir de 1915, os jornais locais passam a ter grande impulso, com a publicação de “O Imparcial”, o qual, mais tarde, passou a ser intitulado “O Timoneiro do Norte”. Em oposição ao grupo do Partido Republicano que dominava estes semanários, surgiu, em 1919, “O Democrata”. A partir da década de 1920, o número de publicações locais aumentou significativamente.

Desse modo, é possível vislumbrar uma expressiva circulação de pessoas e de material impresso (e, conseqüentemente, de idéias) pela região do planalto norte catarinense e sul paranaense.<sup>12</sup> O município de Palmeira dista pouco mais de uma centena de quilômetros de Três Barras e foi o local de fundação da Colônia Cecília, uma das primeiras manifestações anarquistas no Brasil. A colônia foi fundada em 1890 e sobreviveu por quatro anos. Alguns ex-colonos ingressaram na imprensa libertária, entre eles Gigi Daminani, que compôs muitos jornais anarquistas na cidade de Curitiba e mais tarde em São Paulo. Gigi integrou o comitê da greve geral de 1917, mesmo ano em que ajudou a fundar “A Plebe”, no qual trabalhou até 1919, quando foi expulso do país.<sup>13</sup>

5. Outro elemento que colaborava para a existência de uma intensa circulação de idéias e militantes anarquistas era a repressão. As ações dos revolucionários os obrigavam a abandonar sua cidade ou mesmo seu país. O exílio proporcionava a troca de opiniões e de experiências, criava laços de amizade. Nesse período, a circulação de idéias e pessoas foi uma característica do movimento operário e especialmente do movimento anarquista.<sup>14</sup>

---

ária, os portos de Canoinhas e Três Barras continuaram exercendo importância significativa sobre o comércio da região. **O Timoneiro do Norte**. Ano I, n. 10. Canoinhas, 18 de Março 1917. BPESC.

<sup>11</sup> **O Timoneiro do Norte**. Ano I, n. 39. Canoinhas, 25 de Novembro de 1917. BPESC.

<sup>12</sup> A nota a seguir é emblemática: “Formamos uma liga de trabalhadores denominada Emílio Zola e temos a idéia de formar uma biblioteca (...) aqueles que tenham livros, folhetos e jornais, que nos mandem. Faremos o pagamento adiantadamente. Pedro Colli. Palmeira - PR” **A Greve**. Ano I, n. 7. Rio de Janeiro, 1 de Agosto de 1903. Cópia micro filmada consultada no Arquivo Edgard Leuenroth, no IFCH-UNICAMP, em Campinas, SP.

<sup>13</sup> <http://www.agrorede.org.br/ceca/edgar/Comps/COMPG.htm>.

<sup>14</sup> TOLEDO, Op. Cit., pg. 68.

Durante o auge da mobilização do operariado, a repressão articulou-se de acordo com o processo deflagrado. Nesse contexto de recrudescimento da repressão ao movimento operário, houve casos de anarquistas presos e deportados de São Paulo para Santa Catarina. José Righetti, militante que atuava na região de São Bernardo do Campo foi preso pela polícia paulista e enviado para Santos. Naquela cidade, após cinco dias de tortura e privações, foi embarcado em um navio e levado até a cidade de São Francisco do Sul. Após sua soltura exilou-se no Rio Grande do Sul, onde estabeleceu contato com outro anarquista, Ricardo Benassi, também preso em São Paulo e para lá “encaminhado”. Naquele estado passaram a colaborar com a organização e mobilização dos trabalhadores.<sup>15</sup>

6. A ampliação da malha ferroviária pela região sul do Brasil potencializou as possibilidades de contato e interação, realidade presente desde os tempos do Caminho de Tropas. As especificidades do trabalho do ferroviário, especialmente a grande mobilidade, o tornam um potencial disseminador de informações.

São profusas as notícias e reivindicações dessa categoria e de greves rebentadas nos estados do sul do país, principalmente no período de 1917-1919. Em 1917 foi constituída uma seção da União Geral dos Ferroviários no município de Lapa, no Paraná. Cerca de 2000 empregados da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande compunham a seção.<sup>16</sup> Já no ano de 1919, cerca de 8000 ferroviários cruzaram os braços no Paraná, exigindo aumento de salário e redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias. No mesmo período rebentou uma greve de grandes proporções em Santa Maria (RS), estação final da EFSPRG.<sup>17</sup>

Em 1917, o movimento deflagrado em São Paulo teve grande repercussão no estado vizinho, Paraná, especialmente em Curitiba, onde boa parte da cidade ficou paralisada.<sup>18</sup>

Também em Três Barras<sup>19</sup> os trabalhadores da *Lumber Company* declararam-se em estado de greve em meados de julho daquele ano: “Notícias recebidas de São Paulo

---

<sup>15</sup> **A Plebe**. Ano IV, n. 49. Edição de 24 de Janeiro de 1920. AEL.

<sup>16</sup> Compunham a seção trabalhadores das oficinas, do tráfego, dos armazéns, da conservação e engenharia. **A Plebe**. Ano I, n. 07. Edição de 28 de Julho de 1917. AEL.

<sup>17</sup> **A Plebe**. Ano III, n. 26. Edição de 03 de Outubro de 1919. AEL. No mesmo período os estivadores do porto de Paranaguá interromperam o trabalho, também reivindicavam redução da jornada para 8 horas e aumento salarial.

<sup>18</sup> **A Plebe**. Ano I, n. 07, op. cit.

<sup>19</sup> O estado do Paraná e sua capital Curitiba sempre estiveram intimamente ligados a Três Barras e Canoinhas, principalmente em função da distância relativamente curta – aproximadamente 180 quilômetros – e

e do Paraná dizem ter estourado a greve operária nesses dois estados da federação, havendo repercussão de tal movimento nas fronteiras do nosso município, isto é, em Três Barras, na importante empresa americana de serraria, a *Lumber*”.<sup>20</sup>

Até aqui temos um panorama composto, de um lado, por uma região que mesmo no início do século XX já apresentava uma relevante circulação de pessoas e informações e, por outro, uma intensa mobilização operária em áreas relativamente próximas a Canoinhas e Três Barras e cujo contato pode ter ocorrido, permitindo o compartilhamento de informações e experiências. Esses dados validam a hipótese de um contato que, mesmo não planejado ou objetivado, existiu.

7. Conforme mencionado, para os anarquistas o grupo de propaganda era a célula organizativa básica, e a imprensa escrita o instrumento de divulgação de suas idéias, consistindo no único veículo informativo de grande alcance. Os jornais também tinham a função de organizar-se em centros de divulgação, coordenando-se com outros grupos, da esfera local à nacional. Havia correspondência entre grupos e jornais de diferentes partes do Brasil e do mundo, os quais, mesmo sem conexão formal, exerciam influência mútua uns sobre os outros. “Provavelmente, vários trabalhadores aderiram ao anarquismo inspirados pela leitura de algum jornal. Por certo, os mais instruídos liam para os demais, e é possível que um mesmo jornal passasse por várias mãos e fosse conservado e relido”.<sup>21</sup>

Em Três Barras, em abril de 1918, foi fundado um novo tipo de jornal:

“Liberdade. Assim se intitula um novo hebdomadário que veio à luz no adiantado distrito de Três Barras, deste município. O Jornal Liberdade, que tem como redator o Sr. Dídio Augusto, propõe-se a patrocinar uma das mais belas causas que se pleiteiam no foro da civilização – a causa dos filhos do trabalho. Ao órgão defensor dos operários desejamos longa existência e lhe retribuiremos a visita que nos fez”.<sup>22</sup>

A fundação de um jornal operário em Três Barras projetou a região e os trabalhadores da *Lumber Company* em um contexto mais amplo, marcado por intensa interlocução. Dídio Augusto,<sup>23</sup> representante dos trabalhadores frente à diretoria na greve de

---

pela ligação por via férrea. As disputas territoriais que contribuíram para o início da Guerra do Contestado ilustram esse quadro.

<sup>20</sup> **O Timoneiro do Norte**. Ano I, n. 25. Canoinhas, 25 de Julho de 1917. BPESC.

<sup>21</sup> TOLEDO, op. Cti., pg. 70-1.

<sup>22</sup> **O Timoneiro do Norte**. Ano II, n. 09. Canoinhas, 06 de Abril de 1918. BPESC.

<sup>23</sup> No ano de 1908, Dídio Augusto exerceu a função de professor e secretário da Sociedade Escolar recém fundada no distrito de Canoinhas. In: **O Trabalho**. Ano I, nº. 22. Curitiba, 03 de Outubro de 1908. Também foi o primeiro superintendente de Três Barras, sendo reeleito para o cargo, tinha divergências

1919, também escrevia em jornais locais denunciando os abusos da *Lumber*, além de representar moradores da localidade em ações judiciais contra a empresa. Presumivelmente a Liga Operária e a organização dos trabalhadores encontraram no jornal recém fundado – cujo nome não parece ser simples nuance de vocabulário – apoio, estímulo e diálogo com outros grupos de trabalhadores. A partir dele podem ter tomado conhecimento do que acontecia em outras regiões do país, percebendo que muitas das reivindicações de seus companheiros distantes eram demandas que eles almejavam em seu cotidiano.

No Brasil, o jornal anarquista de maior atuação e influência foi o “A Plebe”, fundado em São Paulo no ano de 1917, por Edgard Leuenroth, com a colaboração de José Oiticica, Astrojildo Pereira e, mais tarde, de Gigi Damiani. O jornal deu continuidade ao trabalho do semanário libertário “A Lanterna”, também lançado por Leuenroth e que fora obrigado a fechar em 1916. Seguindo as orientações do seu próprio ideário, o jornal “A Plebe” foi rapidamente difundido pelo país, entre diferentes grupos de trabalhadores, tal qual os do porto de Paranaguá: “União dos Estivadores de Paranaguá trata presentemente de interessar os seus associados, ainda indiferentes, pela propaganda libertária, distribuindo aos mesmos os nossos jornais de vanguarda”.<sup>24</sup> O amplo conjunto de notícias e publicações de textos por parte dos militantes do sul do Brasil permite inferir que a inserção do jornal naquela região foi bastante significativa: “Assinantes dos estados do sul recebam a visita de Evaristo Ferreira de Souza, o qual levou os seus recibos. Pedimos apoio ao emissário para levarmos avante a nossa missão de divulgadores da idéia e das reivindicações proletárias”.<sup>25</sup>

A proibição da venda de “A Plebe” também foi recorrente. São muitas as notícias de repressão aos divulgadores e vendedores do jornal: “Autoridades amedrontam os nossos revendedores e as pessoas que ganham o seu pão com a venda avulsa de A Plebe, ameaçando-os de prisão”.<sup>26</sup> Tal fato também ocorreu em Três Barras no período da greve de 1919: “A polícia, aqui como aí, praticou os maiores despotismos, impedindo, durante a agitação, a venda de A Plebe”.<sup>27</sup>

---

com diretores da companhia e com outros políticos da localidade. In: **Registros da Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública**. 1ª Seção, Municipalidades, DEAP/PR

<sup>24</sup> **A Plebe**. Ano III, n. 20. Edição de 16 de Agosto de 1919. AEL.

<sup>25</sup> **A Plebe**. Ano III, n. 38. Edição de 15 de Outubro de 1919. AEL.

<sup>26</sup> **Idem**.

<sup>27</sup> **A Plebe**. Ano III, n. 27. Edição de 23 de Agosto de 1919. AEL.

8. A circulação do jornal “A Plebe” também ocorreu na região de Canoinhas e Três Barras. Índícios localizados em edições do próprio jornal apontam para a existência de uma Liga Operária de orientação anarquista e de um correspondente do jornal em Três Barras. Alcindo de Oliveira era trabalhador da *Lumber Company*. Foram localizadas três reportagens no jornal, todas do ano de 1919 e de sua autoria. É oportuno lembrar que a tarefa básica do militante consistia em difundir o ideário anarquista, fosse debatendo, falando aos demais ou escrevendo nos jornais.

A primeira publicação ocorreu em uma edição de maio de 1919.<sup>28</sup> Nela, Alcindo, em tom nostálgico, relata a existência de uma liga operária fundada em Três Barras e que fora fechada pela polícia a mando do diretor da *Lumber*. Segundo Alcindo, por meio de greves forçadas, incêndios inventados e espancamentos, a polícia desencadeou violenta repressão sobre os integrantes da Liga, os quais foram ameaçados de processo judicial e de deportação. Durante aproximadamente dois meses (de junho a agosto de 1919) Três Barras se transformou em terra de ninguém, com a polícia em ronda todas as noites, especialmente na estação ferroviária, “onde devia desembarcar o nosso presidente, então em Curitiba”. Após intensa repressão, a liga foi enfraquecendo, restando “o nome e o triste casebre onde funcionou, e uns poucos sócios que, com esperanças no maximalismo libertador, prosseguem na sua propaganda”.

Além do seu valor incontestado enquanto fonte para a reconstrução dos momentos de organização e mobilização dos trabalhadores da *Lumber Company*, esta nota aponta para algumas questões importantes dentro da análise proposta. Em primeiro lugar, a existência de uma liga operária organizada pelos trabalhadores da *Lumber*. Em segundo lugar, a referência ao fato do presidente desta liga não poder desembarcar em Três Barras ao retornar de uma viagem a Curitiba. Tal viagem à capital paranaense materializa os indícios da existência de uma ampla rede de contatos e trocas entre trabalhadores e movimentos de outras regiões, ratificando a intensa circulação de idéias. Ademais, Alcindo conclui seu texto afirmando que apesar da repressão, alguns sócios da antiga liga mantinham-se no propósito de prosseguir com a propaganda libertária, identificando a propaganda como componente indissociável do processo de mobilização.

A segunda reportagem acerca dos trabalhadores da *Lumber Company* foi publicada em uma edição do jornal “A Plebe” do mês de junho de 1919,<sup>29</sup> O texto foi escrito em terceira pessoa, referindo-se a um informante que participara do movimento, prova-

---

<sup>28</sup> **A Plebe**. Ano II. Edição de 24 de Maio de 1919. AEL.

<sup>29</sup> **A Plebe**. Ano II. Edição de 21 de Junho de 1919. AEL.

velmente o próprio Alcindo de Oliveira. O jornal noticiava a eclosão de uma greve na empresa no dia 1º de junho daquele ano. Os trabalhadores pleiteavam aumento de salário e a diminuição da jornada de trabalho para 8 horas diárias. O diretor da companhia, Schermann Bishop, ameaçou os operários com um *lockout* de três a seis meses e com a demissão daqueles que aderissem ao movimento. Por fim, a reportagem celebrava a reabertura da Liga Operária de Três Barras, cuja primeira reunião teria recebido número surpreendente de trabalhadores.

A terceira e mais extensa reportagem data do mês de agosto de 1919 e é novamente assinada por Alcindo.<sup>30</sup> O texto reconstrói a greve deflagrada na *Lumber* e traz importantes informações sobre aquele movimento.

Segundo Alcindo, a greve teve um início pacífico e mobilizou grande número de trabalhadores da *Lumber*; no entanto, o diretor da companhia demitiu os operários considerados chefes do movimento, “acusados de serem anarquistas (...) também fui despedido e tive que transportar-me com família e bagagem para outra localidade”. Entretanto, mesmo após as primeiras demissões e sob novas ameaças de *lockout*, a greve continuou. Como resposta, o subdelegado de Três Barras, Theófilo Becker,<sup>31</sup> a mando do diretor da companhia, solicitou o auxílio do delegado regional de União da Vitória, Alípio Barbosa.

No quarto dia de greve, os operários tentaram realizar um comício na praça pública de Três Barras. O delegado regional chamou os operários, um a um, e os aconselhou a voltarem ao trabalho. Em virtude dos operários não declinarem de seu propósito, o delegado proibiu as reuniões e aglomerações de trabalhadores e disse que “não admitia gritos e que mandaria varrer o povo à bala”.

A partir deste ponto a repressão à greve recrudesciu: a polícia passou a prender e ameaçar de morte os integrantes do movimento. Enquanto isso, o diretor da companhia demitiu dezenas de operários, “que dentro de quatro horas deveriam desocupar os ranchos-espeluncas de sua propriedade”. Rapidamente, a cadeia encheu-se de operários e outras pessoas que não tinham ligação com a greve, todavia eram desafetos de políticos locais.

---

<sup>30</sup> A Plebe. Ano III, n.º 27, op. cit.

<sup>31</sup> Theófilo Becker era um grande aliado dos interesses da companhia. No ano de 1920, ele foi destituído do cargo de Delegado de Polícia de Canoinhas. Imediatamente foi contratado pela *Lumber* como chefe da sua guarda particular. Poucas semanas depois comandou o assassinato de seu substituto, o Tenente Francisco Arruda Câmara Junior. Este episódio e suas implicações para o contexto histórico da região estão sendo investigados.

Neste contexto, o advogado e ex-prefeito de Três Barras, Dídio Augusto, representante dos trabalhadores frente à *Lumber* foi preso e deportado para São Francisco do Sul. Chegando àquela cidade foi solto sob a condição de não mais retornar a Três Barras. Este fato ocorreu após ele discursar para os operários em greve.<sup>32</sup> Além dele, dois operários também foram presos e enviados à cadeia de São Francisco. Outros trabalhadores abandonaram a região para evitar a prisão. Após tamanha repressão, a greve foi encerrada. E aqueles que não foram presos, exilados, perseguidos ou demitidos, retornaram ao trabalho.

Alcindo de Oliveira encerra o texto publicando os nomes de “dois crumiros que traíram a nossa causa”:

“É de bom aviso, pois, publicarmos os seus nomes nestas colunas, afim de que, se aí aparecerem não possam entrar em contato com os companheiros que lutam pela causa da emancipação do proletariado. **Sabe-se que se retiraram de Três Barras com destino a São Paulo.** Seus nomes são Antonio Vianna e Ignácio Izimansky, o primeiro agrimensor, e **o segundo anarquista, como eles mesmos se apregoam**”.<sup>33</sup> [Grifos meus].

Essas informações corroboram a existência de uma importante interlocução entre os trabalhadores de diferentes regiões do país. Importante frisar que o planalto catariense e sul paranaense (e, especificamente os trabalhadores da *Lumber*) não foram simples receptores das idéias anarquistas provenientes de outras regiões – como os militantes brasileiros não o foram em relação ao exterior – havendo trocas, reinterpretações, reavaliações. Se o que fora pensado e executado em São Paulo e no resto do Brasil influenciou os militantes do sul, tal processo foi recíproco, uma via de mão dupla que irrigou teias e relações de solidariedade entre os trabalhadores dos mais variados grupos e locais, articulando saberes e ações em prol das demandas dos mais pobres.

---

<sup>32</sup> **Gazeta do Povo**, n.º 106. Curitiba, 09 de Junho de 1919.

<sup>33</sup> **A Plebe**. Ano III, n.º 27, op. cit.

## Referências Bibliográficas

DIACON, Todd A **Milenarian vision, capitalist reality. Brazil's Contestado rebellion, 1912-1916.** Durham: Duke University Press, 1991.

SINGER, Paul. O Brasil no contexto do capitalismo internacional (1889-1930). In: **História Geral da Civilização Brasileira – 8 – III – O Brasil Republicano – 1 Estrutura de Poder e Economia (1889-1930).** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa.** Vols. I e II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Edilene. A trajetória nos anarquistas no Brasil na Primeira República. IN: FERREIRA, Jorge & REIS, Daniel Aarão (orgs.). **As esquerdas no Brasil.** A formação das tradições. Vol 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007.

## Fontes

- **Relatórios mensais da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* – Abril de 1917.** APESC;
- **Registros da Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública do Estado do Paraná.** DEAP/PR.

## Jornais:

- **O Imparcial** – Canoinhas - SC
- **O Timoneiro do Norte** – Canoinhas - SC
- **A Greve** – Rio de Janeiro - RJ
- **A Plebe** – São Paulo - SP
- **O Trabalho** – Curitiba - SC
- **Gazeta do Povo** – Curitiba - PR